

**Relatório da Pesquisa realizada nos
VIII Jogos dos Povos Indígenas
Fortaleza – Ceará
2005**

Equipe da pesquisa

**Coordenadora Geral da Pesquisa e Elaboração do
Relatório**

Maria Beatriz Rocha Ferreira

Participantes/entrevistadores

Maria Beatriz Rocha Ferreira
Aylton Figueira Junior
Luciene Alvarez
Adriana Andréa Ramalho Mihaliuc

Contribuição/sugestões

Maria Cecília Donaldson Ugarte

Formação Acadêmica da Equipe

Maria Beatriz Rocha Ferreira

Laboratório de Antropologia Bio-cultural – DEAFa – FEF – UNICAMP
Credenciada no programa de Mestrado e Doutorado na FEF-UNICAMP
Pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa e Tecnológica – CNPq

- Doutorado em Antropologia – Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, Austin.
- Mestrado e bacharelado – Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo.
- Psicodramatista pelo Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Campinas.

Aylton Figueira Junior

Coordenador do Curso de Educação Física da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

- Doutorando em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da UNICAMP.
- Mestrado em Educação Física - Faculdade de Educação Física da UNICAMP

Maria Cecília Donaldson Ugarte

- Economista pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- Mestrado em Educação Física - Faculdade de Educação Física da UNICAMP
- Psicodramatista pelo Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Campinas.

Luciene Alvarez

- Bacharel em Educação Física – Universidade Metodista de São Paulo

Adriana Andréa Ramalho Mihaliuc

- Bacharel em Educação Física – Universidade de Fortaleza - Ceará

Jogos dos Povos Indígenas

Os processos de mudanças nas sociedades indígenas e não indígenas foram influenciados por fatores diversos, tais contatos entre os povos advindo das guerras no período pré-colonial e pós-colonial, o processo de “pacificação”, acordos entre as populações, processo imigratório e migratório, políticas de governo, entre outros.

Jogos tradicionais são importantes elementos culturais. Eles estão integrados numa rede de significados com outros elementos culturais e, por conseguinte, ao longo do tempo muitos dos jogos foram sendo extintos, outros desvinculados de rituais ou des-significados do sentido cultural original e poucos foram re-significados no presente e até mesmo esportivizados. Como indicador deste processo, citamos o Esporte de peteca, era um jogo tradicional que passou a ser esporte.

Mais recentemente, tem havido uma valorização da cultura corporal indígena - jogos, danças e brincadeiras transmitidas em diferentes momentos na sociedade, como nas Festas Indígenas (nacionais, estaduais e regionais), Semana do Índio e o evento nacional dos Jogos dos Povos Indígenas.

Em específico os Jogos dos Povos Indígenas, no âmbito nacional, foram iniciados em 1996 em Goiânia e, desde então, realizados anualmente nas seguintes cidades: Guairá/PR (1999), Marabá/PA (2000), Campo Grande/MS (2001), Marapani/PA (2002), Palmas/TO (2003), Porto Seguro/BA (2004) e Fortaleza/CE (2005). O modelo que vem sendo realizado tem características próprias dos movimentos dos Povos Indígenas.

A organização destes jogos depende de articulações de diferentes setores da sociedade, a saber - Comitê Intertribal - Memória e Ciência Indígena (ITC), Ministério do Esporte, FUNAI, Secretaria de Esporte Estadual e às vezes Prefeitura. As ONGs e as Universidades têm tido uma participação recente, enquanto pesquisa ou divulgação científica do evento.

Por ser um movimento recente, o que podemos até de denominar de neo-indígenismo, perguntas têm-se feito, tais como: Qual o significado dos jogos para os indígenas? Os Jogos Indígenas são uma mimesis dos mega-eventos desportivos? É uma tentativa de esportivização dos jogos tradicionais?

Um dos primeiros pontos a ser considerado nesta reflexão é que movimentos dos povos indígenas na América propiciando visibilidade da cultura não são recentes. Na América do Norte foram iniciados já há alguns anos. Na década de 80, os eventos trouxeram importantes contribuições para os movimentos de “saúde holística” e métodos naturais de tratamento de saúde, no quais eu participei dos seguintes:

“Medicine Wheel Gathering”, organizado pela “Bear Tribe Medicine Society” em Houston, Texas, 1982

“Cure Experience Workshop among the American Indians” no Novo México, 1984.

“Harmonic Convergence” no Chaco Canyon, no Novo México, 1987.

Na época havia aqueles indígenas e não indígenas prós e contras a transmissão da cultura indígena aos “brancos”. Os prós entendiam que já era hora do conhecimento indígena ser transmitido, ensinado ao mundo. Não haveria perda, mas sim maior visibilidade, valorização e ensinamento ao

planeta. Os contras entendiam que o conhecimento poderia ser perdido, os segredos milenares não poderiam ser passados, até por receio de não terem mais o controle sobre os mesmos.

No Brasil, os Jogos dos Povos Indígenas têm se tornado um dos movimentos etno-desportivo mais significativos no país. É um espaço aonde existe o encontro interétnico dos povos indígenas, de diferentes setores da sociedade como ministério do esporte, educação e cultura, mídia, universidade etc. As produções de bens imateriais e materiais são significativas. Trabalhos acadêmicos, reportagens jornalísticas nacionais e internacionais, filmes, vídeos etc são produzidos. Nesta direção, o Laboratório de Antropologia Bio-cultural - Labantropo, vinculado ao Depto de Estudos da Atividade Física Adaptada da Faculdade de Educação Física da UNICAMP vem acompanhando já alguns anos este importante movimento (Campo Grande/MS - 2001, Porto Seguro/2004, Fortaleza/2005).

Em específico, o Labantropo realizou nos Jogos de Fortaleza/2005 uma pesquisa para se conhecer e registrar algumas questões que permeiam neste movimento indígena. É importante realçar que as informações são preliminares e refletem um movimento que só tem 10 anos no país.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi fundamentada em três eixos

- Procedimentos etnográficos para pesquisa rápida adaptados dos parâmetros apresentados por Scrimshaw & Hurtado (1987)¹. Os procedimentos utilizados foram conversa e entrevista.
- Informações virtuais, análise de folder e recortes de jornais.
- Análise das informações baseada nos princípios da análise do discurso de Orlandi (1999)².

Os entrevistadores foram 3 (três) professores de Educação Física, sendo 1 doutorando e 2 especialistas treinados para a aplicação do formulário e sob minha supervisão³.

As entrevistas foram realizadas na COFECO – local onde os indígenas estavam hospedados, na Arena Central dos Jogos localizada na Praia de Iracema, especialmente na tenda de artesanato e durante os jogos de futebol. As etnias participantes na pesquisa estão no quadro abaixo.

A experiência em desenvolver pesquisas com povos indígenas reforçou a necessidade de levarmos em consideração alguns pontos:

- O pesquisador deve ter um treino no manuseio do formulário de entrevista, de como anotar e organizar as informações.
- O respondente na entrevista (oral) precisa ter domínio da língua portuguesa (falar e entender). A pessoa que tem o domínio do português precisa de um tradutor, que domine as duas línguas.
- Pelo fato dos Jogos dos Povos Indígenas ser um fenômeno novo no Brasil, ele lida com a intersecção de duas culturas, a cultura tradicional

¹ SCRIMSHAW SCM, HURTADO E. Rapide Assessment Procedures for Nutrition and Primary Health Care: Antropological approaches to improving Programme Effectiveness. 80p. UCLA Latin American Center, University of California, Los Angeles, USA. 1987.

² Orlandi, E.P. Análise do Discurso: princípios de procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

³ Maria Beatriz Rocha Ferreira com Formação em Antropologia – doutorado pelo Departamento de Antropologia da Universidade do Texas – Austin (USA) e mestrado e graduação em Educação Física na Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo (USP).

milenar das atividades e jogos tradicionais e o deslocamento destas atividades/jogos num novo contexto urbano. Este fenômeno é tão novo tanto para os indígenas aldeados como para os que vivem na cidade.

- Nesta interseção é comum a utilização de uma meta linguagem – de ambas culturas, a milenar tradicional indígena e da área da educação física e esporte.
- O formulário de entrevista serviu de base para uma conversa/entrevista entre o entrevistador e o indígena. As respostas foram sendo anotadas e não gravadas.
- A maioria dos formulários foi aplicada em homens. Havia um contingente menor de mulheres e a algumas não falavam o português (ex. Xikrin).

É importante esclarecer que o entrevistador foi anotando as respostas e outras informações que eram passadas no momento da entrevista. Era comum o respondente abordar outros assuntos, ou voltar à resposta anterior quando se lembrava de outro assunto correlacionado. Desta forma o pensamento ia e voltava, de acordo com a memória, e o significado daquilo que falava no momento. Muitas vezes a tendência foi a de falar sobre aquilo que mais necessitavam, ou que os angustiavam. O entrevistador precisava anotar estas informações, conforme iam aparecendo. Este fato é importante, porque atrasou as etapas subsequentes que foi o da organização das informações.

Houve necessidade de se re-organizar *a posteriori* as informações de acordo com as questões formuladas, buscando a pertinência das respostas às perguntas. Foram feitas pelo ao menos quatro leituras, em momentos diferentes, para se ter certeza de que as informações representavam aquilo que foi dito. Esta etapa é muito demorada.

A maioria falava o português. Houve pouca necessidade de tradução. Mas por ser um movimento novo, a percepção e o significado ainda é algo a ser construído e melhor compreendido. As entrevistas mais completas foram a dadas pelos caciques ou responsáveis pela etnia. Eles tinham o conhecimento e a permissão para falar.

ETNIAS PARTICIPANTES

ETNIAS	LÍNGUA	POSIÇÃO
Aikewara outra denominação Suruí – Pará	Tronco - Tupi Família – Tupi-Guarani Língua –Aikewara (Akwáwa)	Cacique (ou responsável) ⁴
Assurini do Xingu outra denominação Awaeté – PA	Tronco- Tupi Família – Tupi-Guarani Língua - Assurini	Atleta (feminino)
Assurini do Tocantins - Assuriní do Trocará, Akuáwa-Asurini	Tronco - Tupi Família – Tupi-Guarani Língua – Akwáwa – Dialeto Assurini do Tocantins	Atleta
Bakairi outra denominação Kurã, Bacairi – MT	Tronco – sem tronco Família - Karib Língua - Karib	Líder esportivo
Bororo outra denominação Boe – MT	Tronco: Macro Jê Família: Boróro Língua: Bororo	Atleta (feminino)
Enawenê-Nawê outra denominação Salumã – Mato Grosso	Tronco: sem tronco Família: Arúak Língua: Enawenê-Nawê	Um dos caciques ⁵ Grupos de caciques Acompanhante/ Tradutor Atleta c/ tradutor
Gavião Kyikatêje e Parkatêje – Maranhão	Tronco: Macro-Jê Família: Jê Língua: Timbira - Gavião	Cacique (ou responsável) Atleta
Guarani Mbyá, Nhandeva e Nhandewa-Guarani (Aldeia Boracéia – SP)	Tronco: Tupi Família: Tupi-Guarani Língua: Guarani- Nhandevá	Líder esportivo Atleta
Javaé outra denominação Karajá, Itya Mahãdu – Tocantins	Tronco: Macro-Jê Família: Karajá Língua: Javaé	Cacique (ou responsável) Atleta
Kaiwá – Mato Grosso do Sul	Tronco: Tupi Família: Tupi-Guarani Língua: Guarani Kaiowá	Cacique (ou responsável)
Kanela outra denominação Canela e Timbira – MA Ramkokamekra Apanieka	Tronco: Macro-Jê Família: Jê Língua :Timbira	Cacique (ou responsável)

⁴ Cacique ou responsável pela etnia

⁵ Pelo que foi informada – os Enawenê-Nawê não tem 1 cacique, mas há um consenso dos mais velhos

Karajá outra denominação Carajá, Iny - Mato Grosso	Tronco: Macro-Jê Família: Karajá Língua: Karajá	Cacique (ou responsável) Atleta Atleta
Kayapó outra denominação Mebengokre – Sul do Pará e Norte do Mato Grosso	Tronco: Macro-Jê Família: Jê Língua: Kayapó	Cacique (ou responsável) Atleta
Krahô outra denominação Craô, Kraô, Timbira, Mehim – Tocantins	Tronco: Macro-Jê Família: Jê Língua: Timbira	Cacique (ou responsável)
Matis – Amazonas	Tronco: sem tronco Família: Pano Língua: Matis	Cacique (ou responsável)
Manoki outra denominação Irantxe – Mato Grosso	Tronco: sem tronco Família: isolada Língua: Manoki Manoki ou Irantxe (língua isolada)	Cacique (ou responsável)
Nambikwara outra denominação Anunsu, Nhambiquara – Mato Grosso	Tronco: sem tronco Família: Nambikwara Língua: Nambikwara	Atletas 1 e 2 Cacique, Líder esportivo
Parakanã outra denominação Paracaná, Apiterewa – Pará	Tronco: Tupi Família: Tupi-Guarani Língua: Akwáwa - Parakanã	Cacique (ou responsável) Atleta (feminino)
Paresi outra denominação Pareci, Haliti – Mato Grosso	Tronco: sem tronco Família: Aruák Língua: Paresi	Cacique (ou responsável) Atleta
Pataxó – Bahia	Tronco – Macro-Jê Família - Maxakali Língua - Pataxó	Cacique (ou responsável)
Rikbaktsa outra denominação – Mato Grosso	Tronco: Macro-Jê Família: Rikbaktsa Língua Rikbaktsa	Cacique (ou responsável) Atleta
Suruí outra denominação Paíter – Rondônia	Tronco: Tupi Família: Mondé Língua Suruí – (Paitér)	Cacique (ou responsável), líder esportivo, Atleta
Pytuary/Tabepa – Ceará	Tronco - Família - Língua - Português	Atleta
Terena outra denominação Chané – Mato Grosso do Sul	Tronco: sem tronco Família: Aruák Língua: Terena	Cacique ou Responsável
Xavante outra denominação Auwe (autodenominação), Awen, Akwe, Akwen – Mato Grosso	Tronco: Macro-Jê Família: Jê Língua: Akwén	Atleta 1(feminino) Atleta

Xerente outra denominação Akwen (autodenominação), Akwe, Awen – Tocantins	Tronco: Macro-Jê Família: Jê Língua: Akwén	Cacique (ou responsável) Líder esportivo
Xikrin – Pará	Tronco: Macro-Jê Família: Jê Língua: Kayapó - Xikrin	Cacique (ou responsável) Atleta
Wai-Wai outra denominação Waiwai	Tronco: sem tronco Família: Karib Língua: Wai-Wai	Cacique (ou responsável)
Yawalapiti outra denominação Iaualapiti	Tronco: sem tronco Família: Aruák Língua: Yawalapiti	Atleta1 (mulher) Atleta2 (homem) Cacique (ou responsável)

- Troncos lingüístico - Tupi, Macro-Jê
- Famílias não classificadas em troncos Karib, Pano, Maku, Yanoama, Mura, Tukano, Katukina, Txapakura, Nambikwara e Guaikuru.
- Língua sem tronco e famílias Tükúna, a língua dos Trumái, a dos Irântxe
- Línguas que se subdividem em diferentes dialetos - Krikatí, Ramkokamekrá (Canela), Apinayé, Krahó, Gavião (do Pará), Pükobyê e Apaniekrá (Canela), que são, todos, dialetos diferentes da língua Timbira.

É importante informar à comunidade científica que o Ministério da Educação financiou somente a ida e a estadia de um dos pesquisadores para Fortaleza. Os outros, inclusive eu, fomos com recursos próprios. Não houve também nenhuma forma de pagamento para elaboração deste relatório.

Organização das informações

As informações foram organizadas seguindo o roteiro do formulário de entrevista. Primeiramente serão apresentadas as falas dos caciques ou responsáveis pela etnia, seguida dos atletas e depois dos líderes esportivos. Alguns informantes tinham dois papéis, a saber: de caciques/responsáveis e líderes esportivos, e outros líderes esportivos e atletas. Mas as falas são analisadas *per se*, isto é, pelo papel do informante.

Pergunta para o cacique ou responsável pela etnia

1. Qual é a importância dos Jogos Indígenas para seu povo? E se participou de outros Jogos.

- Os jogos integram as etnias. Discussão com os parentes. (Pataxó)
- É importante para conhecer outras etnias. (Terena)
- Importante para saber das outras etnias e ver que estão pobres, com dificuldade e viver. Divulga a cultura para branco. Os Paresi perdem a cultura. (Paresi)
- Importante para encontrar pessoas e trocar cultura. Nos jogos falamos com os parentes e ficamos com a família. (Wai-Wai)
- A gente vem para apresentar a cultura e troca experiência. (Kaiapó)
- Trocar experiência com os parentes (Karajá).
- É importante para saber das outras etnias. (Javaé)
- É importante para a aldeia porque tem como trocar experiência. (Xerente)
- Gostamos para trocar experiência e vender artesanato (Rikbaktsa)
- A importância dos jogos tradicionais é manter a cultura. Conversam mais sobre suas culturas do que política, pois não entendem muito de política. (Kaiwá)
- Para o povo a importância é manter a tradição da etnia e tem muito interesse em conhecer e aprender as “coisas” dos brancos. Aqui é o mais bonito. (Xikrin)
- Para o povo a importância é manter a tradição da etnia e tem muito interesse em conhecer outras etnias, parentes, contato com Carlos Terena (Matis)
- Melhorar a cultura, deixar viva a tradição, valorização (Gavião Kyikatêje)
- Apresentar, cantar e manter a tradição (Kanela)
- Mostrar sua cultura, tradição. Experiência boa. Oportunidade de conhecerem as cidades, os povos, vender artesanatos. Bom. Mostra a cultura (Enawenê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício)
- Encontro dos irmãos índios, resgate cultural, conhecer, trocar idéias. (Yawalapiti)
- Nosso espírito – encontros dos Povos Indígenas. Organização indígena. Conhecermos uns aos outros. Nações indígenas. Gosta de valorizar cultura de nossa nação. (Suruí)
- Conseguir levar algumas coisas que sabem. Conhecimento das pessoas que não sabem. E passa a conhecer as culturas diferentes, línguas, danças. (Krahô)
- Representa a aldeia, divulga e mostra para ao branco que são diferentes (Paracanã)
- Mostrar a cultura para não perder (Aikewara)
- Oportunidade para mostra a cultura indígena, continuar a tradição (Manoki)
- Mostrar sua cultura, tradição (Nambikwara).
- A importância dos jogos indígenas é continuar a cultura indígena. Eles têm pouco conhecimento da política e querem saber mais para não ficar

na dependência dos brancos, que não respeitam sua vontade e também não querem perder a identidade (Manoki).

2. Vocês aproveitam o encontro nos jogos para conversar e discutir os direitos dos povos indígenas e a situação política? Existem espaços organizados no evento para isso?

- A FUNAI tem que continuar e junto com o Carlos Terena. (Pataxo)
- A gente fala dos problemas. Tem muita discriminação.(Terena)
- O problema da gente é a invasão dos fazendeiros na terra da gente e FUNAI não tem como ajudar. (Kaiapó)
- Nos jogos não conversam com os parentes dos problemas porque fica muito ocupado cuidando das pessoas. (Javaé)
- Aqui nos jogos se discute entre parentes. A gente discute a discriminação e como o povo tem direito. Se não arrumar o povo acaba. (Xerente)
- Já discutiram bastante de artesanato, cultura, mas política muito pouco. (Kaiwá)
- Todas os problemas. (Rikbaktsa)
- Aqui discute dos problemas, mas lá no Amazonas não. A preocupação não é discutir política. (Matis)
- Discriminação dos políticos. Discute na aldeia mesmo e aqui é para mostrar sua cultura, tradição, o que acontece para a cultura e colabora com os brancos. (Gavião Kyikatêje).
- Sim. (Kanela)
- Sim, não houve discussão nesses jogos. (Nambikwara)
- Falam sobre proteção ambiental. Leva grupo Xinguano para fazer apresentação cultural, para irmãos índios lembrarem a cultura extinta. Por isso aceitou ser vice na organização. Falam para o público, como trabalha com a Terra, água, rio. Os brancos não sabem cuidar da natureza. Índios não poluem água, caçam, fazem remédios, usam a terra para plantar, não somos explorador. Trocam experiências sabem o que fazem na área deles. Fala para o público, o governo para proteger a natureza. Vai para a França no dia 27, evento Brasil / França para falar sobre os índios Brasileiros. Ficou surpreso de saber porque o juiz embargou a obra. Espera que o juiz peça desculpas para tb desculpá-lo. Se quiser procurar liderança, estamos abertos. (Yawalapiti)
- Tira experiência de cada região. Não é como antigamente que vivíamos. Agora vivem na sociedade, no mundo. Discute problemas da Terra. (Suruí)
- No ano passado ocorreu. Sim, fazem. (Krahô)
- O problema da gente é a invasão dos fazendeiros na terra da gente e FUNAI não tem como ajudar. (Kayapó)
- Sim, aproveitam o espaço para outros problemas políticos. (Enawenê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício).
- Sim. Reunião sobre as necessidades dos índios. (Paracanã)
- Sim, conferência, saúde está precária, governo e reserva da aldeia (Aikewara)

3. Como sua etnia foi selecionada e convidada a participar dos VIII Jogos Indígenas?

- A FUNAI tem que continuar e junto com o Carlos Terena. (Pataxo)
- Os Paresi foram escolhidos 1 mês antes e não preparamos nada para jogar. Já perdemos e se tivesse dinheiro ia embora antes, porque a organização não ajuda. (Paresi)
- Convite do Carlos Terena (Gavião Kyikatêje)
- O Carlos Terena que convidou a etnia (Wai-Wai)
- A gente foi convidada pelo Carlos Terena na Barragem do Lageado da FUNAI. Na aldeia tem 2000 jovens e vem 50-60 escolhido de 35 anos. Passou de 35 anos pagé não deixa para cuidar da gente lá. (Kaiwá)
- Convite do Carlos Terena. (Matis)
- A gente foi convidada pelo Carlos Terena (Xerente)
- Seleção dos índios que sabem fazer apresentação (Kanela)
- Através de vários pedidos deles e de uma apresentação cultural que fizeram no Estado e Carlos Terena estava lá. Viu e chamou. (Nambikwara)
- Ele (faz parte do comitê intertribal) procura o chefe da tribo. E como chefe pode indicar os atletas. Cacique passa para o assessor escolher os atletas. (Yawalapiti)
- Recebeu um convite pela internet, que tem apoio da FUNAI. Foi selecionado. São 15 aldeias. Cada aldeia tem caciques e as pessoas que vieram são representantes de 4 aldeias. O entrevistado, cacique é coordenador dos Jogos. Ele é coordenador da nação indígena – Suruí ONG = (Fórum das organizações dos Povos Indígenas Suruí),
- Foram convidados por Carlos Terena, há 1 mês. (Krahô)
- Convite oficial foi feito pelo Comitê Intertribal. Levam ficha de inscrição e selecionam. Deram preferência para quem nunca tinham participado. Trouxeram as mulheres pela primeira vez. E estão inscritas no cabo de guerra. (Enawênê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício).
- Marcos Terena viu a dança em Altamira e fez convite pessoalmente, homem, mulher para vir (Paracanã)
- Convite através da FUNAI (Aikewara)
- Entram em contato com a organização direto com o Carlos Terena, e receberam o convite para competição (Manoki).

4. Você conhece os critérios de seleção das etnias para participação nos Jogos Indígenas?

- Não (Nambikwara)
- Sim. Preservar a cultura e os que sabem cantar (Kanela)
- Depende do recurso. Se tiver mais verba, traz mais gente. O máximo são 40 por etnia. (obs. Ele faz parte do comitê intertribal que tem controle dos critérios. (Yawalapiti)
- Recebem o convite e selecionam as pessoas. (Suruí)

- Pessoas que estão mais acessíveis. O transporte é caro. (Krahô)
- Para jogar aqui a gente escolhe quem joga melhor e quem tem interesse de jogar. Nem todos querem vir porque é longe e cansa. Menina fica com a mãe e mulher também aprende a caçar de arco-flecha depois dos meninos de geração pelo pai e avô. (Xerente)
- Na sabe. (Enawenê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício).
- Não. (Gavião Kyikatêje)
- Não trazer as mulheres. (Paracanã)
- Vários. Mais participação nos Jogos. (Aikewara)
- Guerreiro forte, flechadores, cabo de guerra. (Manoki).

5. Qual a sua relação com os responsáveis pela organização dos Jogos Indígenas?

- Contato direto com o Carlos Terena, Nazaré. (Kaiwá)
- Muito pouco contato. Só com o administrador regional da Funai.(Nambikwara)
- Contato com o Carlos Terena e tem boa relação com o Carlos, como chefe dos Jogos. (Enawenê-Nawê)
- Contato e convite de Carlos Terena. (Krahô)
- Ele faz parte do comitê intertribal. (Yawalapiti)
- Muita consideração pelo Carlos Terena, como também ele nos considera. Temos querido que cresça o reconhecimento nacional. (Suruí)
- É bom, há debates na organização o que pode e não pode ser feito. (Gavião Kyikatêje)
- É bom (Paracanã)
- Legal (Aikewara)
- É boa (Manoki).

II. Significado dos jogos tradicionais e esporte no espaço de sociabilidade dentre as relações interétnicas

Jogos Tradicionais

6. Como são transmitidos os jogos tradicionais de geração para geração na aldeia? Onde e como são aprendidos?

- Os jogos não são transmitidos porque não tem condição porque são muitas aldeias e 16.000 pessoas, não tem recurso para fazer competição entre as aldeias. O que mais a gente faz é jogar bola, “patinucai” (luta) e canoagem. (Pataxó)
- Na aldeia a gente joga bola todo dia depois do trabalho. (Terena).
- Na aldeia jogamos futebol. (Pareci)
- Na aldeia fazemos canoagem e arco-flecha e cabo de guerra. Futebol faz todos os dias (homens). Na aldeia tem 6 times e têm competição de arco e flecha. Na aldeia com 4 anos começa a brincar de arco e com 6 já está sozinho. A mulher fica na colheita e o homem planta. (Wai Wai).
- Os jogos são transmitidos de geração para geração de uma forma natural, um passa para o outro. A partir de 5 anos mulher faz tudo e lança, futebol e arco-flecha. (Kaiwá)
- Na aldeia quem transmite os jogos tradicionais são os mais velhos e os caciques, para não esquecer a tradição, não esquecer a cultura. Todo evento grava e filma para mostrar. A luta de corpo é um esporte que não praticam mais, pois um cacique perdeu um braço e também muitos foram machucados. (Xikrin)
- Sempre pelos mais velhos, de geração para geração ensina na aldeia. (Gavião Kyikatêje)
- Na aldeia os jogos tradicionais são transmitidos na escola. (Matis)
- Ensinando como eles aprenderam com os antepassados. (Kanela)
- Os mais velhos ensinam, depende do interesse dos mais novos. (Nambikwara)
- Pelos mais velhos. Ensinam de forma informal. Crianças imitam os adultos. Jogos fazem parte dos rituais, no calendário. Os jogos com bola na cabeça fazem em dezembro. (Enawenê-Nawê).
- Aprendem com os mais velhos. Aos 13 anos já faz tudo. Aos 15 anos já tem responsabilidade. (Yawalapiti)
- Pela tradição. As mulheres ajudam a carregar a caça, mas não atira, não caçam e nem usam arco e flecha. (Suruí)
- Com os mais velhos. Em reunião, conversando. (Aikewara)
- Os velhos ensinam para os mais novos na aldeia. (Manoki)

7. Quais são os jogos / atividades que normalmente são praticados / praticadas na aldeia? Quais as idades que iniciam? Eles são para mulheres e homens?

- Jogam futebol, volei, arremesso de lança, arco e flecha. A partir dos 5 anos começam os jogos tradicionais. (Kaiwá)
- Nas festas a gente joga bola e fazemos competição de zarabatana a partir dos 10 anos. Mulher faz somente artesanato. (Matis)
- Na aldeia a gente pratica arco e flecha igual aqui. A gente joga futebol e mulher assiste tudo. Quando faz colheita de arroz e pega a caça gente faz corrida com a caça para todos verem que conseguimos. (Kayapó)
- Arco flecha. (Rikbaktsa)
- A tradição dos jogos na aldeia é arco-e-flecha com cera na ponta para entrar mais fácil na caça. A partir dos 4 anos de idade os meninos começam praticar e as meninas fazem boneca de cerâmica. Quem ensina as bonecas é a mãe. O futebol é o que mais se pratica e a dança Aruana que é a dança para retornar os adolescentes para a casa grande após 7 dias sem contato. (Karajá)
- Com 10 anos já inicia arco-flecha e homem e mulher faz juntos. Na aldeia joga bola e tem muita participação dos homens. (Javaé)
- Na aldeia a gente transmite jogos com 8 anos para os meninos no arremesso de lança e arco-flecha e tem corrida de tora dos mais velhos (2 tipos – um corre em triângulo e outro zigue-zague). (Xerente)
- A gente faz a canoagem, cabo de força e arco flecha. Desde criança (6 anos) praticam. (Terena)
- Na aldeia fazemos canoagem e arco-flecha e cabo de guerra. Futebol todos os dias (homens). Na aldeia com 4 anos começa a brincar de arco e com 6 já está sozinho. A mulher fica na colheita e plantar é do homem. (Wai-Wai)
- Na aldeia a gente pratica arco e flecha. A gente joga futebol e mulher assiste tudo. Quando faz colheita de arroz e pega a caça gente faz corrida com a caça para mostrar o que conseguiu (Paresi)
- Arco-e-flecha com cera na ponta para entrar mais fácil na caça. A partir dos 4 anos de idade os meninos começam a praticar e as meninas fazem boneca de cerâmica. Quem ensina as bonecas é a mãe. O futebol é o que mais se pratica e a dança Aruá (dança para retornar os adolescentes para a casa grande após 7 dias sem contato). (Karajá)
- Os jogos são transmitidos naturalmente. Um passa para o outro. A partir de 5 anos mulher faz tudo e lança, futebol e arco-flecha. Na aldeia usam o esporte como forma de ganhar dinheiro e tirar das drogas. (Kaiwá)
- A partir dos 15 anos. Canta e os meninos e meninas começam juntos (Kanela)
- Futebol. O que mais faz é jogar bola. Homens e mulheres jogam e a gente faz para diversão e para competição. Jogam com 10/12 anos (Xikrin)
- Na aldeia –bola com a cabeça, arco e flecha, remo. Travessia (natação), Corrida de 5000 metros e 100 metros, Arremesso de lança, Cabo de guerra, Dança. As mulheres não remam. Elas alimentam as crianças e

cuidam do abastecimento d'água. O ano todo cantam e dançam. (Enawenê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício).

- Futebol arco e flecha – começa a aprender aos 5 anos, Natação – aos 5 anos acompanhado pelos pais ou irmãos. Aos 10 anos está independente. (Suruí)
- Corrida de Toras – diariamente, depois de caçada. Dança, arco flecha, canoagem, cabo de guerra, não tem luta corporal e nem futebol de cabeça. 100 metros – fazem desde pequeno. 5000 metros – a partir dos 12 anos, mas acompanham no meio do caminho. Arremesso de lança. Natação. Transmissão – acompanham desde pequeno, a partir dos 7 anos. Corrida de tora – tem de velocidade, na aldeia. de resistência – lugares distantes. Em mutirão – quando saem para trabalhar. (Krahô)
- Mais nas festas – arco e flecha – 8 anos. Futebol – 5 anos. Canoagem – 8 anos. Volei – 8 anos. Todos são praticados por meninos e meninas. (Nambikwara)
- Jogos = arco e flecha, hi pipi (roda, disco que roda e flecha curta), Uka uka (luta que fazem durante o ritual Karupe, Canoagem, Travessia (natação), Corrida de 5000 metros e 100 metros, Arremesso de lança, Cabo de guerra Dança. (Yawalapiti)
- 5 anos corrida de tora e arco e flecha. Danças tradicionais e artesanato. Faz pintura e roça. (Gavião Kyikatêje)
- Arco e flecha. A partir dos 12 anos, para os homens. Mulheres cantam as músicas indígenas. (Aikewara)
- Só os homens a partir dos 12 anos. Eles são batizados na cultura. Já é adulto, já pode ir com os pais para a caça, para a pesca. A partir dos 15 anos podem fazer o que quiser. As mulheres também participam do esporte. (Manoki)
- Nos jogos jogamos futebol, cabo de força canoagem corrida de tora e dança Anarô. (Javaé)

8. Há interesse em retomar os jogos tradicionais que não fazem mais parte do dia-a-dia da sua aldeia (que eram praticados e atualmente não são mais)? Como vocês fazem isso?

- Com 10 anos já inicia arco-flecha e homem e mulheres fazem juntas. Na aldeia joga bola e tem muita participação dos homens. (Javaé)
- Procuram o conhecimento com o Nanderu – o grande pai (Kaiwá)
- Sim. A luta era muito praticada, mas depois que um cacique quebrou o braço foi proibida. Na aldeia a gente gosta de comemorar por 5 dias. (Xikrin)
- Futebol de cabeça não tem mais. Eles têm interesse de voltar a ter peteca também. Conhece mais ou menos como era o passado. Explicam por mais novos como era e vão ensinando. (Nambikwara)
- Festa da colheita. Existe convite para ajudar, tomar Chicha, fermentado de milho, mandioca e cará. A partir de 15 anos homens e mulheres. (Suruí)
- Não. (Gavião Kyikatêje)

- Tora e flecha, apresentação IPETIRU. (Aikewara)
- Não. (Manoki)

9. Quando e como vocês praticam os jogos que estão compondo o evento?

- Na aldeia. Reunião dentro da aldeia para treinamento. (Gavião Kyikatêje)
- No dia a dia. (Nambikwara)
- Escolhem as pessoas que são mais aptas, os mais fortes. Não tem época marcada, nem atividade. A preparação é informal. Fazem cabo de guerra e às vezes o alvo. Não se prepararam, mas nos anos anteriores mais, pois não sabiam se vinham. (Enawenê-Nawê)
- Cabo de guerra. Na festa de agosto e julho. O acesso é fácil. Tem a festa do “Mapimain” – 1 vez por ano e fazem jogos, crianças, jovens e adultos. O criador deixou a festa para eles. Festa que pode ter convidado, como a FUNAI, Prefeitura. Entendem que já nascem bem casados. Aos 17/18 anos as mulheres e os homens 20/21 anos. O pai do noivo que escolhe desde quando criança. Não há separação (Suruí).
- Praticam na aldeia. (Xikrin)
- Passam recado para aldeia e praticam até chegar evento. (Krahô)
- Praticam na aldeia, já estão praticando o que estão apresentando. (Kanela)
- Praticam com o grupo. Não estão praticando por falta de tempo. (Aikewara)
- Na aldeia. (Manoki)
- Para os jogos houve preparação de 10 dias e não importa ganhar. O povo espera a gente, para a gente contar a novidade daqui e levar dinheiro do artesanato. Futebol a gente joga lá e não precisa vir aqui. (Kayapó)

Esporte

10. Qual o significado do esporte para sua etnia/aldeia?

- Joga entre as pessoas da aldeia e não tem gente de fora. Assiste TV para o futebol. Tem uma na casa grande do Pagé. Pagé sabe o que é bom para o povo lá. (Javaé)
- É bom para tirar das drogas. (Kaiwá)
- Um vencedor e por diversão. (Xikrin)
- Gostam de futebol. Mulher também joga. Não tem briga nos jogos. (Yawalapiti)
- Não sei o significado do esporte na aldeia, mas jogam bola e fazem arremesso de lança. (Matis)
- Tem que treinar para manter a boa forma e as habilidades. (Nambikwara)

- Não tem esporte. Mas estão começando com o futebol. Estão curiosos com os salários dos jogadores. (Enawenê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício)
- Futebol há 30 anos e jogam por observação e preocupação com a preparação física. (Krahô)
- Competição. (Kanela)
- Incentivar o jovem a praticar. (Aikewara)
- Festa, competição e os prêmios são trocas de alimentos. (Manoki)
- Para o líder o esporte tem o significado de tirar o jovem da cachaça. Fazemos natação, lança e corrida. Futebol homem e mulheres fazem separados. No natal tem campeonato com troféu. (Terena)

11. Que tipos de esportes são praticados na aldeia?

- Futebol. (Kaiwá)
- Jogam bola, arremesso de lança. (Matis)
- Futebol. (Xikrin)
- Corrida de tora, futebol, arco-flecha. Corrida de 100 m, 1000m, 30-40 km, canoagem. (Kanela)
- Futebol (5 anos) Vôlei (8 anos). Todos são praticados por meninos e meninas. (Nambikwara)
- Só futebol. (Yawalapiti)
- Esporte – futebol, voleibol, handball, futsal (sem local adequado). Fazem projeto, mas não é aprovado. O futebol começou em 1979. (Suruí)
- Futebol há 30 anos. Jogam por observação. Preocupam com a preparação física. Tem esporte na escola – futebol e brincadeiras. Tem jogos tradicionais e usam o calendário dos dias dos pais, mães, crianças, trabalho, índio e mulher. (Krahô)
- Arco e flecha, arremesso de lança. IPEIURU. (Aikewara)
- Jogo com cabeça, corrida 100 metros, natação. (Manoki)

12. Qual é a opinião dos mais velhos sobre os esportes praticados?

- Incentivar os mais jovens, aperfeiçoamento. (Gavião Kyikatêje)
- Acham bom, o encontro, a cultura, dança e reza. (Kaiwá)
- São contra os jogos dos brancos e a liderança está com os mais novos, foi liberado para jogos “dos brancos”. (Xikrin)
- Ensinam os mais jovens, cantam dentro da aldeia preservando os costumes. (Kanela)
- Variado, uns contra – foram criados na roça caçando e tem medo que perca a tradição. Outros a favor – a evolução chegou. (Nambikwara).
- Os mais velhos gostam do esporte e incentivam os filhos. (Suruí)
- Aprender com os mais velhos, gerações (Aikewara)
- Não querem que acabe com os esportes (Manoki).

13. E as mulheres – praticam esportes? Se sim, quais deles?

- A mulher só faz artesanato. (Matis)
- Sim. Tora, arco-flecha, canta, caça e os mais jovens carregam o que foi caçado. (Gavião Kyikatêje)
- Sim, tudo. Canoagem lança e flecha, futebol, natação, revezamento 100m. (Kaiwá)
- Sim, futebol. (Xikrin)
- Sim, vôlei. (Nambikwara)
- Futebol (Yawalapiti)
- Sim pratica esporte. (Suruí)
- Tem preocupação de praticarem só esportes. Mas querem que continuem os jogos tradicionais. Pedem para não pararem os Jogos Tradicionais. As mulheres praticam futebol, corrida de toras, de 50 / 60 kgs e homens 100 / 120 kgs. Cabo de guerra, corrida de fundo e natação. (Krahô)
- Iguamente aos homens (arco-flecha). (Kanela)
- Cantam. (Aikewara)
- Sim, arco e flecha, corrida, natação e dança. (Manoki).

14. Quais as diferenças entre os jogos tradicionais e esporte?

- Diferença é arco-flecha e futebol é diversão. (Gavião Kyikatêje)
- Esporte é jogar bola com os brancos. (Xerente).
- Futebol é esporte e o outro é vender artesanato. (Kanela)
- Diferença grande. Espírito indígena calmo, esporte fica nervoso, briga ou já entra nervoso pensando em ganhar. (Kaiwá)
- A dança. (Xikrin)
- Gostam dos dois. Mas o tradicional tem a ver com a identidade cultural. Hoje tem gente na faculdade, vai para cidade e volta. Mas nunca devem esquecer a cultura. Jogos é uma forma de valorizar a cultura. Esporte tem regras, conselho, saber perder e ganhar. Os times são bem organizados. (Suruí)
- É uma novidade. Querem acompanhar e saber mais. (Krahô)
- Não tem quase diferença. Ele quer definir melhor as regras para os jogos tradicionais, não está bem definido. Pergunta para os mais velhos as regras do futebol de cabeça, por exemplo, mas acha que sem querer (naturalmente) já mudaram algumas regras (não resgataram tudo). (Nambikwara)
- Correr, demarcar, o tempo (Aikewara)
- Jogos tradicionais têm mais valor porque além de manter a tradição, todos podem participar. Esporte não tem muito valor, pois tem drogas e podem fazer uso. (Manoki).

15. Têm muitas desavenças/brigas/confusões nos jogos de futebol? Quais são elas?

- Não. (Gavião Kyikatêje)
- Sim, discussão, bate boca. (Kaiwá)
- Não. (Xikrin)
- Não. (Matis)
- Muito pouco. (Nambikwara)
- Não, os times são bem organizados. (Suruí)
- Não há briga no futebol. Sempre alegria. Jogo é jogo, se perdeu, perdeu. Na cidade perdeu, perdeu. Não é uma coisa que não é nosso. Participam. (Krahô)
- Não. (Kanela)
- Não. (Aikewara)
- Sim. (Manoki).

16. Se tiverem desavenças, como vocês têm lidado com isto?

- Normaliza a situação, torna-se amigo. (Kanela)
- Não tem problema de briga no jogo e o cacique decide do jogo na briga. (Javaé)
- Conversar, acalmar a situação tirando um sono. (Kaiwá)
- Não deixa acontecer. (Xikrin)
- Chama atenção, reclama para separar. (Nambikwara)
- Acalmar para não haver rivalidade. (Gavião Kyikatêje)
- Reunião e explicação. A desunião não trás nada de bom. (Aikewara)
- Reunião e debate em cima do problema. (Manoki).

III. Organização e infra-estrutura

17. O local é adequado para boa realização dos Jogos?

- Aqui está ruim porque é longe e o amigo não índio atrapalha o índio. A organização está ruim e falta arroz no na comida. (Karajá)
- Sim, só ficou longe. (Kaiwá)
- Sim. (Xikrin)
- Aqui está melhor que Porto Seguro. (Xerente)
- Espaço pequeno. (Kanela)
- Comida muito ruim, não estão querendo almoçar, largam na metade. Todos os vizinhos estão reclamando. Índio come qualquer coisa, mas aqui não dá, estão fracos, comprando salgado no boteco. As instalações estão ficando velhas, na praia de Iracema está adequada. Não tem televisão. (Nambikwara)
- Gostou do local. Conseguem se concentrar, falar dos segredos. (Suruí)
- Gostaram. Pediram 2 casas e receberam somente 1. Os homens estão dormindo fora e está frio. Alimentação – não comem carne de porco. Sente a mudança climática, o deslocamento. À noite as crianças sofrem

muito. Não tem mosquito. A viagem é longa. Tem pouco dinheiro, as crianças pegam gripe. Vieram 42 ao todo, 15 mulheres e 25 homens. (Enawenê-Nawê)

- Na arena precisa por compensado para a dança. (Yawalapiti)
- Local – não é ruim. Sanitário – pouco despreparado, banho é melhor quando é público. À noite dormem fora e venta muito. Estão numa 40 pessoas. Alimentação = um pouco ruim (Krahô)
- Sim (Gavião Kyikatêje)
- Espaço pequeno. Precisa de mais espaço. Querem vender artesanato. (Aikewara)
- Sim (Manoki).

18. O que vocês estão gostando na VIII edição dos Jogos dos Povos Indígenas?

(obs. Responderam também do que não estão gostando)

- A parte do jogo não é importante porque aqui é para discutir com outros caciques o problema dos índios e terras. Tem índio que morre de fome e vem para comer e vender artesanato e não ganha nada (Paresi)
- Sim. Importante, mas não estamos gostando da comida do refeitório (Kanela)
- A gente gosta de fazer uso da lança para mostrar a nossa força e a gente ganhou aqui. O nosso povo gosta que a gente venha aqui para aprender coisas novas para levar para eles. O dinheiro do artesanato é importante para comida. (Karajá)
- Estamos gostando dos jogos. O evento está fraco, pois foi pouco divulgado. Acham longe o Cofeco da arena. Observaram que as rezas estavam muito fortes, que poderia dar interferência espiritual para as pessoas que lá estavam, sem as mesmas saberem o que estava acontecendo. (Kaiwá)
- Não, muito frio, distância da Cofeco e água. (Matis)
- O evento foi pouco divulgado. Ruim para vender artesanato. (Xikrin)
- Os índios estão gostando de participar dos jogos desse ano, mas a comida não é boa. (Javaé).
- A gente convida para jogar. Os jogos são importantes porque as pessoas lutam para fazer os jogos e está bem organizado. O mais importante dos jogos é encontrar parente. Aqui está melhor que Porto Seguro. (Xerente)
- A capital é bonita, o transporte é bom, o clima. (Nambikwara).
- A comida é boa, mas precisa mais suco. (Yawalapiti)
- Sim. Mas estamos sofrendo com a organização, o ambiente, a temperatura e a alimentação. (Gavião Kyikatêje)
- Estão gostando. (Kanela)
- Gostaram do mar, da cidade, não faz calor. (Krahô)
- Na região estranharam a água. Na apresentação, os povos não aplaudiram. Falta alimento. Não tem água para os jogos de futebol. Não venderam artesanato, as pessoas não deram valor. As pessoas escolhidas que não tem conhecimento do que se passa com os índios,

não dão atenção diária. Humilhação para receber os uniformes. (Paracanã)

- Não teve tempo de avaliar. (Aikewara)
- De ver outras etnias, conhecer outras pinturas, línguas. (Manoki).

19. O que mudaria na organização dos próximos jogos?

- Muita dificuldade etnia falar português. Peixe odor ruim. Suco doce. Diarréia. (Rikbaktsa)
- Ocas muito longe, deixar o povo branco entrar para comprar. (Kaiwá)
- Mudanças: comida, água gelada, pois a água é quente e dá dor de barriga. (Xikrin)
- Distância da Cofeco para Arena. (Matis)
- Aqui tudo é longe e o evento foi pouco divulgado. (Kaiová)
- A organização está muito ruim aqui. A comida não cheira bem e o material de limpeza não tem para todo o dia. (Paresi)
- Na alimentação – bebem mais do que comem. Tomam mel, água com mel. Trouxeram mel desta vez. O sistema de casa é pequeno para todos. A alimentação na estrada é difícil. Eles não têm hora certa para comer e aqui tem. Estão com 43 adultos e 25 crianças. (Enawenê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício).
- Melhorar a arena. (Yawalapiti)
- Tem fila para comer. O ideal é que cada etnia ficasse responsável pela alimentação. (Suruí)
- Qualidade da comida e tempero. (Nambikwara)
- Todos os líderes conversam com a organização para nenhuma etnia passar necessidade, água e transporte. (Gavião Kyikatêje)
- Mais marketing sobre o evento, mais divulgação. Pará é bom, bem mais anunciado. (Aikewara)
- Organização em relação ao tempo e divulgação, pois avisaram com uma semana de antecedência e eles não tiveram tempo para poder fazer mais artesanatos e também treinar para as apresentações. (Manoki).

20. O que mudaria na estrutura física dos Jogos dos Povos Indígenas?

- Alojamento perto uma da outra. (Kaiwá)
- Eles preferem casas, mas desde que tenha espaço suficiente. Na aldeia eles tomam banho no rio. Os organizadores precisam entrar em contato com mais antecedência. Ficou tudo em cima da hora. Primeiro convite – 2 semanas antes do evento. Querem 3 meses para se organizar. Nem sabiam se iam participar. (Enawenê-Nawê – coletiva e tradução Fabrício).
- Muita dificuldade etnia falar português. Peixe odor ruim. Suco doce. (Rikbaktsa)

21. Houve alguma mudança em relação à organização dos últimos Jogos (2004, Porto Seguro)? Quais você destacaria?

- É melhor casa do que oca. (Yawalapiti)
- Cada vez mais os jogos estão melhorando. Acostumam e tem mais respeito por eles. O homem branco pode acostumar com as diferenças culturais. Tem fila para comer. Uns entram na frente dos outros. Ideal que cada etnia fosse responsável pelo alimento. Antes – a informação chegava mais cedo. Não sabe quem vai apresentar a dança cultural. Mudaram a programação. Viajaram 78 horas Vieram 30 pessoas em 1 casa. Não dá para descansar. Está muito lotado. (Suruí)
- Chuveiro coletivo. Alimentação mais bem feita, verdura, cozida e crua. (Krahô)
- A distância, acompanhamento de toda a etnia, imprensa e mídia. (Kanela)
- Não tem idéia. (Gavião Kyikatêje)
- Mais espaço. Mudaria mais coisas. (Aikewara)

22. Houve alguma mudança em relação à organização dos últimos Jogos (2004, Porto Seguro)? Quais você destacaria?

- Estrutura física, casas (ao invés de ocas). (Kaiwá)
- Não foram. (Xikrin)
- Não percebeu. (Krahô).
- Não houve mudanças. (Gavião Kyikatêje)
- Não mudou nada.. (Aikewara)

IV. Outras informações que achar importantes sobre os Jogos dos Povos Indígenas

- As apresentações estão mais fortes, as rezas. Perigoso = pega sem saber as coisas = rezas fortes. (Kaiwá)
- Gostam de participar, que se fosse pelos recursos não estariam aqui. Investimento cultural. (Gavião Kyikatêje).
- Eles têm expectativas de ganhar no cabo de força. Perguntei sobre as regras da bola na cabeça e disse que iria estudar melhor. Eles apostam rede, artesanato e trocam as apostas. Comida – milho, peixe, biju, farinha de mandioca. O tradutor foi chamado e parou a entrevista. (Enawenê-Nawê)
- Jogos que foram incluídos após participarem dos Jogos dos Povos Indígenas foram – cabo de guerra e algumas pinturas. Os homens vão para a cidade jogar, mas as mulheres não vão para a cidade. Não tem time organizado para sair. Mas tem time organizado na aldeia. Eles celebram o perdedor e ganhador cantando. (Krahô)

Atleta

Identificar como se dão as práticas esportivas na aldeia

1. Como você foi escolhido para participar dos Jogos dos Povos Indígenas?

- Meu irmão, técnico, me escolheu. Também porque sou nadadora. (Yawalapiti1)
- O técnico do time de futebol escolheu. (Yawalapiti2)
- Seletivo. (Gavião)
- Cacique. (Bororo)
- Pela associação. Rikbatsa (Rikbaktsa)
- Por ser o zagueiro mais experiente. Esta é a terceira olimpíada. O técnico branco que escolheu. (Xikrin)
- Por causa do Marcos Terena. (Parakanã)
- Escolha pela aldeia e era voluntária a participação. Veio porque gosta de jogar bola. (Suruí).
- Através de muito preparo. Professor de Educação Física tem 3. (Assuruni do Tocantins).
- Sim. Duas vezes aqui e Guimarães. Porque a gente faz esporte todo dia e pode participar. (Guarani)
- Teve seleção. (Paresi)
- Participou, porque a filha estava doente. (veio substituir a filha). Poucas pessoas para participaram. (Assurini do Xingu)
- Não sei. (Xavante1)
- O técnico escolheu. (Karajá1)
- O pessoal convidou, porque trabalha na cidade, aí o pessoal (cacique, atletas) achou interessante. Porque trabalha muito para transmissão da cultura, vendendo artesanato, etc. Tem formação em enfermagem. (Nambikwara1)
- Pela comunidade. (cacique, as lideranças) fazem uma reunião e escolher (Nambikwara2)
- Foi o técnico de campo. (Kayapó)
- Os caciques escolheram os atletas que pratica cada esporte. Flecha, cabo de guerra (faz e coordena), dança, lança, futebol masculino e feminino. (Javaé)
- Tem o cacique que tem contato com os coordenadores e faz parte da coordenação. O cacique determina o coordenador/técnico que determina os atletas mais especificamente. Quando recebe o convite do Comitê, escolhem um só técnico para treinar. (Karajá2)
- A gente falou na comunidade e eles escolheram. (Xavante2)
- Escolheu as pessoas que são mais aptas. Os mais fortes. (Enawenê-Nawê)
- Organizados por turma. Corrida. Pegam os mais habilidosos. (Krahô)

2. Como você se preparou para os Jogos dos Povos Indígenas?

- Treinou pouco, futebol, natação, cabo de guerra. Já ganhou na natação em Porto Seguro. (Yawalapiti1)
- Treinamento 1 mês antes dos jogos. Joga futebol. Veio jogar e apresentar a cultura. (Yawalapiti2).
- Corrida de tora, vara, brincadeiras e futebol. Modalidades – arco e flecha, cabo de guerra, feminino e masculino – natação. (Gavião)
- Treina. (Bororo)
- Preparo físico. (Xikrin)
- Fizeram a roupa delas. Roupa feita de Tucum da floresta, coqueiro de espinho do mato, saia com serpente do mato. (Parakanã)
- Porque gosto de arco – flecha. (Guarani)
- Pelo fato de estar perdendo a cultura, com o projeto estão resgatando, pois os jovens não estavam mais interessados. Senão só se interessam pelo futebol (Ele menciona um “Projeto para Todos do Estado”, que envolve os professores). (Assurini do Tocantins).
- Jogo desde pequeno. (Suruí)
- Na aldeia. (Paresi)
- Não houve preparo. (Assurini do Xingu)
- Sim treinamos pouco, uma semana antes. (Xavante1)
- Não. (Xavante2)
- Treinamento 3 vezes ao dia. (Karajá1)
- O futebol se joga quase toda tarde. Lá o campo é pequeno e só jogam futebol society. Estranharam campo grande aqui. Já costumava cantar dia sim dia não. Primeiro cantam as crianças depois os adultos. O artesanato ensina às crianças. Ensinam tudo para índios de outras etnias também, que moram por perto. (Nambiquawara1)
- Fizeram os enfeites. Veio para participar de: cabo de guerra, futebol. (Nambiquawara2)
- Arco e flecha desde criança. Fizeram educação física. Preparação de atleta. (Kayapó)
- Não existe preparo específico para os Jogos. (Javaé)
- Quando o técnico recebe o convite do comitê, escolhe 1 técnico para treinar mais ou menos duas semanas. (Karajá2)
- Não, pois não sabiam se vinham. (Enawenê-Nawê)
- Treinaram. (Krahô)

3. Quanto tempo antes dos jogos você se preparou?

- 2 meses antes (de 3 em 3 dias). (Yawalapiti1)
- 1 mês antes. (Yawalapiti2).
- 1 mês. (Gavião)
- Dois meses. (Bororo)
- 1 mês. (Rikbaktsa)
- 15 dias. Houve pouco tempo. (Xikrin)
- Desde de setembro. (Parakanã)
- Na aldeia pratica várias modalidades, como o futebol. (Suruí).

- Três meses antes. (Assurini do Tocantins).
- Um mês e fazia de fim de semana uns 15 minutos por dia. (Guarani)
- Uma semana. (Paresi)
- 3 horas na semana. (Xavante1)
- De 2 a 3 meses antes de vir. Normalmente joga todo o dia, mesmo se ser para os jogos. (Karajá1)
- Não se preocuparam em treinar porque fazem a vida toda os jogos tradicionais: jogam cabo de guerra e peteca. Lança não tem lá. Só para estes jogos treinam 1 semana antes. (Nambiquawara1)
- Pratica normalmente futebol e “rodan”. Participaram do “rodan”, arco fecha, canoagem, cabo de guerra. (Kayapó)
- Pais ensinam durante a vida. Meninos dançam o que o homem faz. Meninas não fazem canoa e nem arco e flecha. Mas ajuda no caminho nas caçadas. Tem os rituais só dos homens (as mulheres não sabem) e os rituais das mulheres. Na aldeia tem a casa dos homens. Na primeira menstruação te uma festa após o período e durante a menstruação fica sem comer de tudo. Ritual de aprendiz tem várias tarefas a ser ensinado. As mulheres ajudam a carregar. (Javaé)
- Treinam 2 semanas mais ou menos. Não treinam a dança e o canto. Eles se organizam aqui. (Karajá2)
- Treinaram toda à noite dois meses antes. E 20 dias antes mais intenso. No sábado e domingo é que treinava pros jogos/esporte porque trabalha em 1 fazenda. (Nambiquawara2)
- Preparação informal. Cabo de Guerra e às vezes o alvo. (Enawenê-Nawê)
- É atividade contínua. (Krahô)

4. Quantas horas por dia você se dedica a este preparo?

- 2 horas. (Yawalapiti1)
- Todo o dia (a manhã toda, à tarde às vezes). (Yawalapiti2).
- Seis horas. (Gavião)
- Quatro horas. (Bororo)
- 5 horas. (Xikrin)
- De duas a três. (Parakanã).
- Das 8.00 às 11.00 horas. (Assurini do Tocantins).
- Das 7.00 às 11.00 e das 14 às 17.00. Depois reunião. Às vezes jogam com o branco, às vezes tem briga. O campo na aldeia não era gramado, e agora está. (Karajá1)
- Na escola faz hadball, voleibol, basquetebol desde o primário. Está no colégio interno, federal. Lá aprende os esportes. Na aldeia sempre tem jogos. Nas festas faz jogos tradicionais. Aqui participa da canoagem e futebol. (Suruí)
- Não tem preparação. (Assurini do Xingu)
- Sexta feira: dia todo futebol. Artesanato: todo sábado (cada sábado é um artesanato diferente). (Nambiquawara1)
- Jogam aos sábados e domingos. (Kayapó)

- Por 30-45 minutos. Fazem alongamentos e mais jogos. Não treinam a dançam e canto, se organizam aqui (Karajá2)
- A noite dançava toda noite. Treinava no sábado e domingo 3 horas cada. (Nambiquawara2)
- Não se preparou. (Enawenê-Nawê)

5. Com quantos anos você aprendeu os jogos tradicionais que participa aqui?

- 14 anos aprendeu futebol, natação desde os 12 anos, 1ª vez no cabo de guerra está sendo aqui (ganharam). (Yawalapiti1)
- Desde 10 anos joga futebol. Mas arco flecha, canoagem e vários outros jogos na aldeia. Eles não tinham material (meios) para trazer (Yawalapiti2).
- Corrida de 100 metros e 300 metros – com 15 anos. (Gavião)
- Desde pequena. (Bororo)
- Três – quatro – seis anos. Com o pai arco e flecha. (Rikbaktsa).
- Desde criança faz canoagem na aldeia. Cabo de guerra pratica puxando navio para desencalhar. Futebol e natação desde os 26 anos. (Xikrin)
- Desde criança começou a praticar, arco flecha, arremesso de lança, cocar na adolescência, “tidimore” (brincadeira). Meninas jogam peteca e matanalite. Qualquer um faz o cocar. (Paresi)
- A partir dos 12 anos. (Assurini do Tocantins).
- A partir dos 4 anos. (Assurini do Xingu)
- Mais o menos 25 anos. (Xavante1)
- Desde pequeno, mais ou menos 8 anos. (Xavante 2)
- Há 7 anos atrás. (Nambiquawara1)
- Desde criança. (Kayapó)
- Não tem jogos, mas tem luta corporal. Disputa mesmo. A luta se chama IJEISU. Eles têm o ritual de passagem = a escolha da reclusão é feita de acordo com os pais. Na festa o jovem fica liberado. Eles têm a “casa grande” e durante a festa fazem as lutas. A idade de entrada é por volta dos 12 anos, mas antes era mais tarde, 18 anos. É uma passagem de menino para adulto. Jiré = começo da adolescência (10 a 12 anos). Bodu = 12 a 14 anos. Prepara para se tornar rapaz. Na mudança de passagem muda o nome. Festa da liberação – Jiré, fica liberado. Ficam reclusos durante 7 dias e depois saem. A mulher não vai para a Casa Grande. Fica liberada após a primeira menstruação. (Karajá2)
- Uns foram aprendendo com os outros (1 dos mais praticados). Jogam “tirimori” - 2 travinhas pequenas, 3 bolinhas, tem que derrubar os postes (jogo específico dos PARESI, moram perto). Quando tem jogos indígenas regionais eles participam do futebol com a cabeça também. (Nambiquawara1). Cabo de guerra – desde 14 anos (gincana escolar). (Nambiquawara2)
- Não tem época marcada. (Enawenê-Nawê)
- Desde criança. (Krahô)

6. Como surgiu o futebol na sua aldeia?

- “Tinha outra etnia no Xingu, teve um torneio, aí a gente perdeu, eles já jogavam e a gente não”. Desde então começamos a jogar. (Yawalapiti1)
- 1960, ele acha. (Yawalapiti2).
- Através dos brancos e pela TV. (Gavião)
- Não sabe. (Bororo)
- Padre. (Rikbaktsa)
- Dizem que o cacique mais velho proibia (70 anos). E se visse alguém jogando, passava dente de craira na perna deles. Este cacique já faleceu. Já foi campeão de futebol em Palmas. Estão classificados para a final. Jogam futebol todos os dias, menos em dia de caça (Xikrin)
- Através do chefe de posto, administrador da FUNAI (Parakanã)
- Não sabe (Suruí)
- Antes dele nascer, já surgiu, mas ninguém explica (Assurini do Tocantins).
- O futebol surgiu pela televisão. Lá todos jogam. (Guarani)
- TV, missionário que vão até a aldeia, funcionários da FUNAI e FUNASA. (Assurini do Xingu).
- Premio foi uma bola. Mulher joga também. Todo mês tem jogo de futebol na aldeia. (Xavante1)
- O cacique disse que quando o atleta nasceu já tinha futebol, em 1965. O futebol começou na época do Pelé. (Kayapó)
- Começou em 1972 (Karajá1)
- Não sabe, pois já tinha há 33 anos. (Karajá2)
- Quando os missionários vieram. (Nambiquawara2)
- Estão iniciando o futebol. Alguns acham interessantes. Estão curiosos pelos salários. (Enawenê-Nawê)
- Não sabe. Querem jogar. (Krahô)

7. Você participa dos jogos de futebol na sua aldeia? Quando você começou a praticá-lo? Por que você começou / continuou a praticar futebol?

- Sim, desde 2000. O tio que ensinou a treinar. Porque é divertido. Continua porque gosta. É mãe de 2 filhos (Yawalapiti1).
- Sim, desde 10 anos. Na aldeia joga todo sábado, domingo e quarta. Começou porque gosta. Continua porque gosta também (Yawalapiti2).
- Sim, 8 anos. Pela diversão para corpo e alma (Gavião)
- Futebol para homens e mulheres separado. Começou para condicionamento físico (Bororo)
- Joga e treina. Começou com 9 anos. Para ficar forte (Rikbaktsa)
- Joga futebol desde os 10 anos. Começou porque gosta. Continuou para “nós ganhar”, “vitória” (Xikrin)
- 1 mês antes e continua a praticar (Parakanã)
- Sim, participa desde 13 anos. Gosta de praticar e faz parte da saúde. (Suruí)

- Não. Começou aos 16 anos. Não gosta de jogar, o faz por influência dos outros (Assurini do Tocantins).
- Sim, só de brincadeira. (Paresi)
- Não. (Assurini do Xingu).
- Sim. Comecei a jogar porque gosto e continuo a praticar. (Xavante1)
- Desde adolescente. Pratica todo o dia (Xavante2)
- Começou jogando futebol de quadra. Desde criança “Sempre foi meu sonho jogar futebol”. Quando criança, compraram bola de borracha. Os mais velhos ensinaram. Continua porque gosta. Começou a jogar em 1987 como titular. Já jogou em time de branco. Os brancos foram buscá-lo em sua aldeia. E até hoje joga em time de branco (Karajá1)
- Gostam de futebol. Têm 6 times. Fazem torneios. Vão ao torneio da cidade. Praticam futsal, handball, voleibol. Mulheres não jogam tanto futsal, são craques no voleibol (Karajá2).
- Sim. Desde os 12 anos (“até hoje não aprendi”). Por influência dos colegas, tiram sarro se não for. Continua hoje porque gosta de participar, se encontrar e conversar. Não importa se ganhar ou perder. (Nambiquawara1)
- Desde os 12 anos de idade. (Kayapó).
- Sim, Desde criança. Porque gosta. Tem um time lá, tem que treinar senão não entre no time. (Nambiquawara2)
- Todo dia a gente joga. A gente pratica desde pequeno. Lá tem escola e podemos jogar (Guarani)
- Todos participam um pouco (Krahô)

8. Qual o significado dos Jogos dos Povos Indígenas para você? Qual é a influência que os Jogos Indígenas têm na sua vida?

- Ganhar. E vender também os artesanatos. (Yawalapiti1)
- É importante para apresentar a cultura para os outros povos indígenas. E conhecer a deles também. Acha os jogos indígenas muito bons e interessantes para eles (Yawalapiti2).
- União, bem estar, interesse pela natureza, não deixar acabar com o pouco que temos. Lutam pela preservação (Gavião)
- Ajuda a cultura. Resgate. Acabar com preconceito (Bororo)
- Para jogar bola (Xikrin)
- Tem privilégio para mostrar a tradição. Divulgação. Dá apoio para o esporte indígena (Suruí)
- União com outras etnias, sendo todos irmãos e ficando próximos dos parentes (Assurini do Tocantins).
- Os jogos significam alegria e encontrar os parente (Guarani).
- Confraternização, conhecer outros índios. (Assurini do Xingu)
- Os jogos são importantes para demonstrar a cultura indígena aos povos urbanos. Participar e conhecer outras etnias (Paresi)
- Dança é o costume, continuar a cultura. (Xavante1)
- Aprender como os brancos jogam na cidade. Funciona e organiza a cultura (Xavante2)

- A grande importância: índio não era unido. Aprende a conhecer e respeitar as outras etnias Olhar coisas importantes bonitas nos parentes. A gente tá muito disperso. (Nambiquawara1)
- Veio para ganhar, mas perdeu. Achou bom. (Kayapó)
- Reconhecimento. Espaço que mostra para o branco. Coletividade – direito de ser índio. União – não perder a cultura que os outros continuem. Paz e união. (Javaé)
- Mostrar nossa cultura, brincadeiras e danças. (Karajá1)
- Importante não é ganhar, mas mostrar a dança, o canto, um intercâmbio de cada etnia. (Karajá2)
- Para divulgar a cultura, dança, artesanato e não tanto para jogar futebol. Conhece várias etnias, culturas indígenas diferentes, fazer amizade. (Nambiquawara2)
- Exemplo de trazer a cultura mais forte. Para ver as culturas. Resgate da cultura. Aprende com os outros – cultura. (Krahô)

9. Quais são suas expectativas em relação à participação da sua aldeia nos Jogos Indígenas? O que você espera dos Jogos?

- Espero que os jogos continuem, que não acabem nunca. Ela gosta. (Yawalapiti1)
- Quer preservar a cultura. Quer que suas características continuem sempre. (Yawalapiti2)
- Incentivar as crianças e jovens. União entre todas as etnias. A alimentação dos jogos está ruim. (Gavião)
- Espera que ganha. (Bororo)
- Espera ser campeão, principalmente no futebol. (Xikrin)
- Que seja bom. Que as pessoas possam ficar alegres. Conquistando o que fizeram. (Suruí)
- Esperar que leve uma vitória. Contar o que aconteceu, da saída de lá até a volta. (Assurini do Tocantins).
- Ficam esperando para contar tudo o que está acontecendo. O professor ensina o indígena, português, futebol, vôlei e basquete. (Xavante1)
- Tentar mostrar ao máximo aquilo de bonito que têm e preservaram. “Mostrar que nós também temos nossos valores”. Um povo sem cultura não existe. (Nambiquawara1)
- Espera que façam uma boa apresentação. Não importa se ganha ou perde, o importante é estar aqui. Demorou 4 dias de viagem. (Nambiquawara2)
- Vencer as barreiras. Mostrar que vencem. Saiam de cabeça erguida. Que o povo reconheça que estamos vivos. (Javaé)
- Os pais ficam preocupados quando vêm. A família se despreocupa quando voltam. Pensa e sente que é bom para os Povos Indígenas. (Kayapó)
- Aqui está do mesmo jeito de lá (aldeia). Como jogamos lá, jogamos aqui. Quero voltar para aldeia. Está com saudade. Trabalha como vigilante da FUNASA. (Karajá1)
- O esporte incentiva, faz parte do comportamento. (Karajá2)

- A gente espera participar. Não vamos ganhar porque veio pouca gente da aldeia. (Guarani)
- Tem expectativa de ganhar no cabo de força. (Enawenê-Nawê)
- Ganha experiência. Eles vêm do jeito que vivem na aldeia, sem mudar nada. (Krahô)

Líder esportivo

I. Significado dos jogos tradicionais e esporte no espaço de sociabilidade e entre as relações interétnicas

a) Jogos Tradicionais

1. Quais os tipos de jogos tradicionais que praticam?

- Mais nas festas – arco e flecha – 8 anos. Futebol – 5 anos, Canoagem – 8 anos Volei – 8 anos. Todos são praticados por meninos e meninas. (Nambikwara)
- Natação, 5000 metros, dança cultural, corrida de 100 metros, arco e flecha, corrida de toras, arremesso de lança, canoagem. (Xerente)
- A partir dos 10 anos – dança mulheres com bastão. PE, TATAPADYLY, tamanduá (Bakairi).
- Cabo de guerra, corrida, canoagem e arco e flecha (Guarani).

2. Como são transmitidos os jogos tradicionais de geração para geração na aldeia? Onde e como são aprendidos?

- Os mais velhos ensinam, depende do interesse dos mais novos. (Nambikwara)
- Com os mais velhos. Crianças aprendem desde os 3 anos de idade, a partir dos 8 anos começa a fazer só. As festas são em abril e julho. (Xerente).
- Tem escolas, através da danças. (Bakairi).
- Desde criança os mais velhos que ensinam arco e flecha. Tradição (Guarani)

3. A escola tem algum papel no ensino dos jogos tradicionais? A escola freqüentada pelas crianças da aldeia é indígena ou urbana?

- A escola é bilíngüe. Sim ensinam o jeito de fazer as coisas, as toras. (Xerente).
- Sim é indígena (Bakairi).
- Escola somente na aldeia (Guarani)

4. Qual é a importância dos Jogos dos Povos Indígenas para a vida na aldeia e para população indígena local?

- Importante mostrar a cultura. Tem discriminação, se sentem discriminados. Sempre respeitam o não índio e eles nunca respeitam o nosso. Ver os parentes que não vê, ensina um os outros e troca de experiência, escrevem as coisas que fazem como lidam com a água. (Xerente)
- Valorização da cultura, idioma (Bakairi).
- Encontro com outras etnias, mostrar a cultura, parentes (Guarani)

b) Esportes**5. Quais são os esportes praticados na sua aldeia? Qual é o mais praticado?**

- Futebol para os homens e mulheres. Kritozató = futebol. Os velhos tinham futebol com o pé. (Xerente)
- Futebol e Handebol (Surui).
- Futebol, Volei (Bakairi).
- Futebol, arco e corrida (Guarani)

6. Qual o significado do esporte para a aldeia?

- Os velhos não gostam. Não entendem. Pois branco discute. (Xerente)
- A cultura envolvente (Bakairi).
- Mostrar a cultura e representando os indígenas que ficaram na aldeia, comunicação com todas as etnias (Guarani)

7. A escola ajudou nesta introdução? De que modo?

- Sim. Dão bola, constroem quadras de areia. (Nambikwara)
- Levando o futebol e handall (Surui)
- Sim, a escolha ensina. (Xerente)
- Sim, técnicas e fundamentos (Bakairi).

8. A 'escola de fora' ajudou a trazer o futebol para as aldeias?

- Sim vários (Surui)

9. E a televisão?

- Tem. Assistem muito futebol na medida do possível, a energia é de bateria. (Nambikwara)
- Sim, a TV tem muita influencia.(Guarani)
- Sim (Bakairi).

10. Os não indígenas com quem vocês têm contato, nas aldeias ou na cidade, ajudam com os esportes? Vocês conversam com os não indígenas sobre o futebol? Com quem?

- Sim. Conversam. FUNAI, ONGs, Município. (Nambikwara)
- Aldeia contra aldeia. Prêmio, troféu, bola novinho (Bakairi).

11. Como foi o aparecimento do esporte na aldeia?

- Os jesuítas. Jogam todo dia. (Nambikwara)
- Na aldeia (Guarani)
- O motorista de caminhão chegou na aldeia levando uma bola (Bakairi).

12. Como o futebol começou a fazer parte do dia-a-dia do seu povo?

- Jogam só sábado e domingo. (Suruí)

II. Identificar como se dão as práticas esportivas na aldeia**a) Jogos Tradicionais****13. Como vocês se preparam para os Jogos dos Povos Indígenas?**

- Tem treinamento específico (mais intenso) antes menos intenso (mais ou menos 2 meses antes) a partir de quando são convidados. (mais ou menos vinte dias) quando é confirmado. (Nambikwara)
- Não há treino específico (Suruí)
- Não, cudaram com uma semana (Guarani)
- Sim (Bakairi).

14. Quanto tempo antes dos jogos vocês se preparam?

- Mais ou menos vinte dias, quando é confirmado. (Nambikwara)
- Não se prepararam (Guarani)
- 2 meses (Bakairi).

15. Com quantos anos vocês iniciam as crianças e jovens nos jogos tradicionais?

- Tem menina que de 2 anos que ta dançando aqui. (Nambikwara)
- Dois anos (Bakairi).

16. Quais jogos tradicionais foram introduzidos na aldeia após os Jogos dos Povos Indígenas?

- Os jogos que entraram foram cabo de guerra, algumas pinturas (Krahô)

17. Algum jogo tradicional foi excluído na aldeia após os Jogos dos Povos Indígenas? Não houve registro de resposta**18.**

- Só o cabo de guerra e arremesso de lança. (Suruí)

19. Quem ensina os jogos tradicionais na aldeia?

- Os mais velhos (Nanbiwara)
- Professores (Bakairi).

b) Esportes**20. Vocês conhecem as regras do futebol ou outro esporte? Com quem aprendem essas regras?**

- Sim, TV, um passa para o outro (Bakairi).

21. Quais as idades que podem jogar?

- 15 anos (Bakairi).

22. Todos têm direito de jogar?

- Todos (Guarani)
- Sim (Bakairi).

23. As mulheres têm os mesmos direitos que os homens?

- Eles jogam na aldeia. Jogos amistosos. (Krahô)
- Sim, jogam inclusi nos campeonatos (Guarani)
- Sim (Baikairi)
- Homens e mulheres jogam. As mulheres não vão para a cidade (Kraho).

24. Como organizam os campeonatos internos e externos?

- Somente na aldeia (Guarani)
- Organizam com uma data, com regulamento (Baikairi)
- Não tem times organizados para sair. Mas tem na aldeia (Krahô)

25. Vocês participam de campeonatos entre outros grupos indígenas? Quais?

- As mulheres não vão para a cidade. Não tem time organizado para mostrar (Krahô).
- Sim, a nível regional. Tem 2 municípios que fazem os jogos. Treinam para cada um. (Nambikwara)
- Sim, futebol (Guarani)

26. Como celebram o perdedor e ganhador?

- Não celebram (Nambikwara)
- Só se estiver valendo, dança e canta na aldeia (Guarani)
- Cantam (Kraho)

27. Vocês gostam de jogar com os não-indígenas? Com o pessoal da cidade?

- Sim (Nambikwara)
- Sim, Bertioga (Guarani)

28. Vocês participam de campeonatos com os não-indígenas?

- Sim (Nambikwara)
- Tem jogos urbanos. Brancos brigam, mas eles índios lidam bem. Tem índios que jogam com os brancos, no costume dos brancos. Tem campeonato rural e na cidade. Jogam até os 35 anos, esporte/disputa. (Suruí)
- Não (Guarani)
- Indígenas e com os brancos também. Juiz rouba (Baikairi)

29. Vocês acompanham os campeonatos dos não-indígenas? Quais são as suas impressões sobre esses campeonatos?

- TV. Torcem muito, a maioria pro Flamengo, telefonam para os brancos amigos para tirar sarro quando Flamengo perde. Tem celular, máquina digital. (Nambikwara)
- Sim. Sobre os regulamentos, eles não vão até a aldeia, eles tem que ir na cidade (Baikairi)

30. Tem problemas de brigas e confusões nos jogos de futebol?

a) Se for sim, aonde? b) jogos internos na aldeia, c) jogos entre grupos indígenas, d) jogos com times na cidade.

- Sim, bate boca, com os dois (Guarani)
- Não tem briga nem com os não indígenas (Nambikwara)
- Sim, acontece com os brancos. Tem muita discriminação. Educação esportiva, saber ganhar ou perder. Juiz é subordinado (Baikairi)

Síntese das informações

Os Jogos dos Povos Indígenas representam um fenômeno atual e complexo, envolvendo diferentes forças da sociedade, a saber, por um lado o Comitê Intertribal - Memória e Ciência Indígena (ITC), lideranças indígenas, e por outro o Governo Federal – Ministério dos Esportes com a colaboração do Ministério da Educação e Cultura. Há também de diferentes maneiras apoio do Governo estadual e municipal – as Secretarias de Esporte, ONGs, mídia, universidades, entre outros. É importante mencionar também a participação do público, que dependendo do local pode ser mais receptivo ou menos.

As informações obtidas nas entrevistas apontam o quão complexa é a organização dos Jogos, tanto pelo lado dos organizadores, quanto pelo lado indígena. Embora a pesquisa não consiga dar conta de todo o universo, mas pode fornecer elementos importantes para uma análise.

As questões organizacionais e políticas dos jogos são um desafio para todos. O evento congrega elementos da cultura tradicional milenar e do mundo contemporâneo. Representa novas formas das populações indígenas e não indígenas se encontrarem e exercerem a alteridade, de se perceberem diferentes e semelhantes e de superar obstáculos.

A primeira questão (q.1) reflete a importância que os representantes dão aos Jogos. Os elementos principais refletem questões de identidade – integração – conhecimento e reconhecimento – tornar-se visível (mostrar, apresentar) – trocar experiências – venda de artesanato – resgate cultural e manutenção da tradição.

Os Jogos representam um momento significativo para eles. É um espaço de construção étnica, do ser índio. É um momento de visibilidade e de reconhecimento da diversidade cultural. O parentesco lhes dá uma noção de unidade. Unidade esta que não se percebe bem no mundo dos “brancos”. Poderia dizer que o processo de dê-construção da identidade indígena ocorrida nestes 500 anos foi “violento” e os jogos dos povos indígenas podem ser um mecanismo que contribua para a reconstrução de identidades.

O Comitê Intertribal - Memória e Ciência Indígena (ITC) tem tido também importante papel na organização do Fórum Social. Uma iniciativa louvável que ocorre durante os Jogos. Nestes fóruns são convidados profissionais/técnicos e personalidades nacionais e internacionais e tratados diferentes temas, tais como política, ecologia e juventude, comunicações, utilização de energia solar, reflexões sobre os jogos e esportes indígenas, etc.

As respostas (q2) mostram a participação dos indígenas nestes eventos, mas de uma maneira um pouco difusa, talvez porque não participaram dos fóruns dos anos anteriores e, portanto, sem visão de conjunto.

Fica aqui a sugestão de se elaborar um documento por escrito, e/ou disponibilizar numa página web os resultados dos fóruns, desta forma poderiam construir a memória escrita dos eventos.

Q3 e Q5 - O convite às etnias tem sido centrada no líder indígena Carlos Terena e algumas vezes no Comitê intertribal. O vínculo de confiança entre os

líderes indígenas e Carlos Terena é mostrado em diferentes depoimentos. As expressões, a relação "é boa e é legal", apontam amistosidade entre eles, de parentesco.

Q4 – Os critérios de seleção para participarem nos jogos não são muito claros. Eles apreciam o convite e querem sempre participar. Observei que muitas vezes as respostas deram conotações diferentes do que foi perguntado. Entenderam que tivéssemos perguntando sobre quais foram os critérios de escolha na aldeia. E neste sentido as respostas apontam para uma política interna do possível, da acessibilidade, do melhor, do mais apto ou mesmo buscando um equilíbrio de forças.

Q6, 7, 13 e 14 - Os jogos tradicionais são transmitidos oralmente. Os velhos são as fontes primárias das informações. E estas são passadas de pais para filhos. Existe uma idade para se começar a praticar determinadas atividades. É interessante observar que há uma certa independência a partir dos 6 anos no manuseio de alguns instrumentos como arco e flecha (adaptado para a idade).

A diversidade lúdica entre os povos é enorme. Jogos e brincadeiras têm significados próprios para cada povo.

Em algumas etnias as atividades da vida diária ainda são aprendidas e fazem parte das necessidades básicas de sobrevivência, como caçar com arco e flecha, canoagem etc. Mas em outras, estas atividades passam a ter um outro sentido, de jogos, brincadeiras para se reviver o passado ou mesmo re-significar estas atividades na vida contemporânea.

Algumas etnias têm jogos tradicionais inseridos em rituais, como bola na cabeça ou corrida de toras. Mas nem todos conservam atividades ritualísticas.

Em poucos depoimentos a escola foi mencionada como fonte de transmissão dos jogos. A escola pode ter um papel fundamental no processo de ensino e re-significação dos jogos. Este é um tema a ser trabalhado pelos profissionais da área e a rede pública e privada.

Em algumas etnias o futebol é mencionado junto com jogos e brincadeiras praticados pelas crianças e jovens. Esta aparente não clareza da definição de jogos tradicionais e esporte nos remete a idéia de que ambos representam atividades prazerosas, lúdicas e de uma forma ou de outra estão inseridas nas festas e nas celebrações na aldeia (Q13).

Em outras etnias parece que a atividade futebol, ou melhor, dizendo "jogar bola" tem sido a constante entre eles; não foi mencionado jogo tradicional.

Há uma relação jogos/futebol e gênero. Algumas atividades não são permitidas para as mulheres (Q13).

Q8. A questão que se pergunta 'se os jogos tradicionais aprendidos nos eventos estão sendo introduzidos na aldeia' não tem resposta clara. Ela é ainda enigmática para eles e para os pesquisadores. É uma pergunta em aberto. Poderia perguntar ainda 'até que ponto há interesse em se aprender os jogos tradicionais como uma forma de prática contemporânea', ou será que podem ser "resgatados"? Os documentos e registros nos mostram que muito foi perdido, esquecido e condenado. Entendo que os jogos podem passar por

um processo de re-significação no mundo contemporâneo, desde que haja interesse por parte dos índios. O caminho está aberto. É um mundo lúdico, corporalmente ativo que precisa ser construído.

Q9. As atividades que fazem parte do evento estão inseridas na vida diária. Não existe um treinamento específico. Mas se o convite chegasse com mais antecedência, poderiam se organizar de outra forma (Q4)

Q10 e 11. O futebol ou, melhor dizendo, jogar bola tem diferentes conotações, tais como: mecanismo para tirar da droga/alcoolismo, diversão, pelo gosto, manter a forma e habilidades, preparação física, competição, festa, premiação através de alimentos.

Mais uma vez outras atividades como corrida de tora, arco-flecha, corridas, canoagens são entendidas como esporte.

Q12. Os mais velhos têm uma certa resistência aos jogos dos “brancos”. À medida que a liderança é mais jovem, existe permissão para se praticar os jogos dos “brancos”. Alguns líderes já aceitaram como uma possibilidade positiva. Entendo que cabe aos profissionais da área de Educação Física propor e incentivar o esporte de caráter recreativo, como os índios vêm praticando. E mostrar os malefícios do esporte competitivo de alto rendimento. Afinal neste nível há necessidade uma infra-estrutura dispendiosa (médico do esporte, treinamento esportivo, fisioterapeuta etc). Além do mais, o esporte nesta configuração contradiz o ‘espírito’ da cultura indígena.

Entendo que o nosso desafio é permitir que os indígenas construam um esporte fundamento nos valores e mundo físico/espiritual deles.

Q14 e 15. Os conceitos de jogos tradicionais e esporte trazem idéias de semelhanças e diferenças.

	Jogos tradicionais	Esporte
Diversão, gostar	Sim	sim
Mundo dos brancos	-	sim
Interrelação com os brancos	-	sim
Espírito indígena, calmo	sim	-
Nervosismo, competição		sim
Identidade cultural, mantém a tradição.	sim	-
Novidade	-	sim
Não tem diferença	nd	nd
Precisam definir as regras melhor para os jogos tradicionais	sim	-
Houve mudança das regras passadas para o presente	sim	-
Tempo	-	sim
Todos podem participar	sim	-
Não tem valor, tem drogas.	-	sim

O desafio como comentado anteriormente é proporcionar aos indígenas condições para se refletir sobre o significado de ambos e eles poderem encontrar o caminho para uma vida ativa.

E a idéia que há desavenças entre as etnias durante os jogos de futebol, não aparece nos depoimentos dos líderes. E se houver alguma, eles conseguem lidar com a questão (Q16).

Infra-estrutura dos Jogos

Q17, 18, 19, 20 e 21. Houve uma variedade de respostas, mas o local pareceu adequado e muitos gostaram, embora longe da arena dos jogos e da oca para o artesanato. Algumas etnias vieram com um grupo grande e as casas eram pequenas. Os homens precisaram dormir fora, ao relento.

A alimentação é sempre um problema. Para uns está mais próxima a vida diária na aldeia e para outros muito diferente. É difícil uma adaptação com relação ao horário para se comer e ao cardápio. Fica aí uma questão aberta para os próximos jogos.

Os jogos em si contribuem para um encontro com o outro, um estranhamento com o meio, com a platéia, com os dirigentes, com os problemas difíceis de serem compreendidos, mesmo por nós, como o caso do juiz ter embargado a arena na praia de Iracema em Fortaleza.

O que mudariam? A distância, a alimentação, a fila para se comer, mais marketing para o evento e melhor organização do convite. Não avisarem em cima da hora. Não é possível se organizar bem.

O idioma parecer ser um empecilho para alguns se comuniquem. Havia etnias que não falavam o português.

Alguns sugeriram fazer chuveiro coletivo. E também melhorar a logística dos serviços – saúde, água potável, horário, etc.

No item 'outras informações' do questionário' foi mencionada a espiritualidade forte nos jogos. É um item que precisa ser mais bem entendido. A espiritualidade nos rituais, as danças e jogos fazendo parte dos rituais podem ser melhor explicados para a platéia, para que se possa conhecer melhor o outro, poder reconhecer e valorizar a cultura.

O cabo de guerra foi incluído nas atividades da aldeia. É mencionado como celebram o ganhador e o perdedor.

Atleta

Q1, 2, 3 e 4. As escolhas dos participantes são feitas pelos líderes das aldeias, ou associações com diferentes critérios, tais como habilidades motoras (nadadora, jogador de futebol, praticam esporte como flecha, cabo de guerra, dança), voluntariado, gosto de jogar, estar na cidade, ou não sabem. Alguns nem sabiam que iriam aos jogos. Esta variedade de critérios aponta outros valores e requisitos para a participação no evento e, não necessariamente as habilidades motoras.

A preparação para os jogos foi diversificada, tem um caráter informal. Muitos tiveram pouco tempo para se prepararem, para se organizarem enquanto grupo representando a etnia para os Jogos (no máximo 3 meses, mas a maioria no último mês ou semana). É importante esclarecer que algumas etnias praticam as atividades na vida diária (arco e flecha, canoagem), ou mesmo o futebol (jogam quase toda à tarde, ou final de semana). É uma população fisicamente ativa. A seleção é baseada nas habilidades motoras e também em outros critérios, como mencionados acima. Alguns dos participantes nem sabiam que vinham.

Q5. Os participantes aprendem os jogos tradicionais (arco, flecha, canoagem) desde criança, as lutas e corridas durante a adolescência. Eles vão aprendendo uns com os outros, com os mais velhos, com os pais.

Q6 e 7. O futebol apareceu na aldeia de diferentes formas: com outras etnias, pela televisão, missionários, chefe do posto da Funai, não sabem.

É uma atividade que vem sendo praticada cada vez mais frequentemente e começa no final da infância, a partir dos 9 ou 10 anos. Na maioria praticam porque gostam, mas alguns o fazem por influência dos colegas (tiram sarro se não for) e não gostam do futebol. Pode-se perceber que algumas etnias já têm uma estrutura organizacional de torneios, jogos internos e com a cidade.

Q8, 9. Os significados dos jogos indígenas para os “atletas” têm características semelhantes aos mencionados pelos caciques ou líderes, tais como: divulgar, conhecer o outro, união, bem estar, não deixar acabar com o pouco que se tem, resgate, acabar com o preconceito, encontro com os parentes, confraternização, alegria, ganhar, reconhecimento.

As expectativas nos jogos passam desde quererem ganhar, como ser bom para todos, alegria, mostrar aquilo que tem de bonito, estarem lá, vencer barreiras, reconhecimento, ganhar experiência. Esta visão de mundo expressa alegria e bem estar, apontando um todo indivisível, uma riqueza da cultura indígena.

Líder esportivo

Algumas etnias levaram líderes esportivos e fizemos entrevistas com alguns deles.

Q1, 2 e 3. Os jogos tradicionais que praticam são arco e flecha, canoagem, natação, corrida, danças e cabo de guerra. Os jogos são transmitidos pelos mais velhos, dependendo do interesse dos mais novos. É uma tradição e são praticados durante as festas. O papel da escola não é claro no ensino dos jogos. Possivelmente tenha um papel secundário.

Q4. A importância dos jogos vem confirmar as opiniões dos caciques ou responsáveis pelas etnias e os “atletas”, a saber: divulgar, reconhecimento, troca de experiência, valorização da cultura, encontro.

Q5, 6 a 12, 20 a 30. O futebol é o esporte praticado, embora apareçam citações de handebol e vôlei. Interessante observar que a corrida, arco e flecha fazem parte da idéia de esporte. O papel do esporte não está muito claro para os mais velhos. Existe uma certa resistência, tem conotação de cultura “envolvente”. Já para os Guarani, esporte já faz parte da cultura e se sentem representantes da aldeia.

A escola tem um papel fundamental no ensino esporte, ao passo que os jogos tradicionais são ensinados pelos mais velhos. Isto indica uma certa “divisão de águas”. Deixo a pergunta – até que ponto a escola está ensinando o conhecimento do “branco” e não contribuindo para uma construção de um esporte indígena, isto é, onde se reconheçam os valores locais? Esporte que além do mais tem o impacto da televisão? As regras são, inclusive, aprendidas pela mídia.

O esporte entrou na aldeia de diferentes formas, como vimos nas entrevistas com os jogadores e caciques/responsáveis, tais como: jesuítas, motorista de caminhão, vindo de outras etnias etc. Para aqueles que criticam o esporte na aldeia, diria que é caminho sem volta. Fica aqui a pergunta: Qual o papel do profissional de educação física no ensino do esporte? Esporte educação? Qual o tipo de educação?

A adolescência parece ser uma fase onde há maior interesse pelo esporte (por volta dos 15 anos). Todos têm o direito de jogar, inclusive as mulheres na aldeia. Mas nem todas participam de torneios na cidade.

A organização dos campeonatos pode ser de maneira informal, ou até com times organizados, com datas e regulamentos.

A questão que muito se pergunta e se quer entender é ‘como celebram os perdedor e ganhador?’ Eles disseram que cantam, trocam mercadorias (vide depoimentos dos caciques/responsáveis) ou mesmo não celebram.

Eles jogam com o pessoal da cidade. Muitas vezes se sentem discriminação, inclusive pelos juízes.

Os “brancos” brigam, mas eles conseguem lidar com essa questão. Dizem que têm índios que jogam no costume dos brancos. Esta afirmação sugere que há futebol no “costume” dos índios. Talvez seja, na direção pelo que entendemos de esporte e “fair play”. A opção pelos times profissionais é forte, tais como flamengo ou outro.

Q13, 14 – O preparo para os Jogos dos Povos Indígenas é informal, mas tem critérios e organização a partir do momento que são convidados (em geral muito próximo ao evento). Esta informação foi também obtida pelos caciques/responsáveis e jogadores.

Q 15 a 19 – Os jogos tradicionais são ensinados desde criança, dependendo da atividade. Tem criança que dança aos 2 anos de idade.

Houve pouca menção de jogos que são introduzidos ou excluídos após a participação nos Jogos dos Povos Indígenas. Esta questão não ficou muito clara nos depoimentos dos caciques/responsáveis. Talvez seja pouco tempo para que se perceba a influencia dos Jogos dos Povos Indígenas no cotidiano da aldeia.

Considerações Finais

Os Jogos dos Povos Indígenas podem ser considerados um dos maiores eventos esportivos no Brasil, congregando cultura milenar e contemporânea. É um espaço que vem sendo construído por diferentes setores da sociedade brasileira, entidades governamentais e não-governamentais, e pessoas.

A dificuldade da análise de um relatório de perguntas a diferentes etnias está justamente, nas contradições, nas dificuldades de cada um expressar-se na linguagem institucional. Se aprofundarmos nas diferenças, veremos que indígenas pensam diferente. Os pontos em comum parecem vir sempre da sensação de dominação, a impressão de um certo descaso da população, do Estado e da FUNAI.

Os jogos contribuem para a construção de identidades. É um espaço de união das diversas etnias, de reconhecer o outro, de ter uma visibilidade. Sentem-se os 'outsiders'⁶. Ao mesmo tempo reafirmam sua dignidade, tentam participar com alegria e responder na medida do possível, ao que os brancos tanto querem saber, nominar, fixar.

É importante que este espaço seja construído por eles, e esperamos que nunca cheguem a 'folclorização', ou melhor dizendo, ser um espaço de apresentações para turistas. Mas sim que os índios construam um espaço que os tornem visíveis enquanto cidadãos e possam ser reconhecidos pela riqueza de suas culturas. Em outras palavras, esperamos que eles consigam ser índios na cidade, no campo ou em suas terras. Transmutar o olhar de preconceito para um olhar de respeito e até de admiração pelos outros saberes, que não só o da nossa ciência ocidental bio-tecnológica. Esse talvez seja, o grande desafio do Ministério e das lideranças responsáveis pelos Jogos. Diante dos graves problemas ambientais reconhecidos pela maioria dos cientistas, trazer à tona a celebração representada pelos Jogos, onde a competição fica em segundo plano, resgatando a importância do senso de multi-comunidades que formam uma nação multicultural como o Brasil.

O impacto que os Jogos dos Povos Indígenas estão tendo na aldeia não é ainda claro. Talvez seja pouco tempo para se obter esta informação. Chama a atenção nos depoimentos o cabo de guerra, muitos deles praticam nas aldeias. Mas observei que durante os jogos algumas mulheres têm passado muito mal e desmaiado no final da prova. Sugiro que se insira tempo limite para a atividade.

E também se percebe um certo cuidado e até resistência ao esporte "dos brancos" pelos mais velhos e uma maior interesse pela liderança jovem. Mas quase todas etnias praticam o futebol e alguma delas já tem uma estrutura e organização de times e competições.

É pertinente desenvolvermos políticas para que se possa construir o esporte indígena e também poder acompanhar o impacto dos Jogos nas aldeias. Podemos encontrar formas para tal. Já há uma idéia de se organizar um fórum para uma reflexão dos jogos com a participação dos líderes indígenas. Este seria um dos caminhos e, um outro seria organizar toda a literatura já existente de teses e publicações sobre a área. E com certeza

⁶ Outsider é um termo em inglês usado pelo sociólogo Nobeit Elias, que significa um grupo e/ou população marginalizada por uma sociedade dominante que os discrimina e os exclui da vida social.

realizar mais pesquisas por eles mesmos e nas universidades. O próprio evento já tem organizado o Fórum Social. Este também poderia ser um espaço destinado para uma reflexão sobre esporte e jogos tradicionais.

Tratando-se de um evento multi-cultural, realço a importância e necessidade de posições mediadoras e construtivas entre os diferentes poderes que dominam os jogos, além de se formar pessoas de apoio especializadas para tal.

Os Jogos devem em última análise contribuir para a visibilidade do índio, para a união das etnias, para diminuir o preconceito. Valorizar culturas que como por um milagre, baseadas na transmissão oral e na língua, conseguiram sobreviver como comunidade, apesar dos massacres. A língua ainda é um problema a ser resolvido. Muitos deles são bilíngües, mas em sua maioria tem dificuldades de expressão em português e na língua materna.

Os Jogos devem continuar permitindo um campo relaxado, onde todos estão em clima de celebração que é o que vale para eles, mais do que a competição. A troca de experiências e o contato com os 'parentes' aparece como o item mais importante para estarem nos jogos, o que implica na tentativa de uma união em um movimento político para a defesa de seus modos de viver. O segundo item mais citado é a difusão da cultura, enfim o reconhecimento. Além disso, talvez essa visibilidade acorde a população e as instituições para a devastação ambiental a que os estamos sujeitando, em detrimento de nós mesmos e das futuras gerações de brasileiros. Rios sendo envenenados pelo 'progresso', o uso inseqüente de agrotóxicos que contamina índios e animais silvestres (temas tratados nos fóruns sociais).

Com o "resgate" de suas danças, jogos e tradições e com o suporte para que sejam definitivamente cidadãos brasileiros, poderemos contar com esses povos valentes e resistentes para defender o nosso território, nossas águas e florestas. Eles ainda se sentem parte da Natureza e podem contribuir para que projetemos um novo paradigma, eco-bio-psico-social. Para que troquemos o olhar curioso, por um olhar de respeito e admiração.

Profa. Dra. Maria Beatriz Rocha Ferreira

Endereço profissional –

Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada
Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas
Cidade Universitária Zeferino Vaz – Barão Geraldo
Caixa Postal - 6134
Campinas - SP Brasil CEP 13083 851

Residencial –

Rua Timbó – 573
Alphaville – Campinas – SP – CEP – 13098-348
Fone – 019 – 32620012 ou 019 – 91713002

Email –

beatrizdevloo@aim.com
ou labantropo@fef.unicamp.br